

POR UMA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: O SAMBA E A FORMAÇÃO DA CIDADANIA

Fábio André Cardoso COELHO

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

fabioandrecoelho@ig.com.br

Resumo: A partir da necessidade de se pensar sobre um ensino reflexivo da língua portuguesa, este trabalho tem como objetivo abordar algumas práticas docentes no processo de ensino-aprendizagem na escola e apontar possíveis relações do samba com as práticas de cidadania. Desinteresse pela leitura e pelas descobertas que os textos podem proporcionar são alguns dos apontamentos evidenciados, decorrentes da constatação de um ensino precário e ineficaz da língua. Para essa análise, faremos uma abordagem sobre o conceito de língua, cidadania, ensino e cultura do samba, tendo como pressupostos teóricos os fundamentos didático-metodológicos da língua portuguesa, à luz dos trabalhos de Azeredo (2002) e (2008), Geraldi (2006), Guedes (1997), Halliday, McIntosh & Strevens (1974), Moura (2004) e PCN (2001). Tentaremos entender de que maneira as letras dos sambas apresentam suas potencialidades linguísticas e como os recursos linguístico-expressivos presentes neles podem ser apreendidos e compreendidos pelos alunos. Ressaltaremos a apropriação dos direitos propiciados e deveres exigidos pela língua. E mais, se ela representa a possibilidade de o sujeito tornar o seu conhecimento explícito, revalidá-lo e representá-lo, e se saber o idioma é mais do que conhecer sua estrutura gramatical, tornamos produtivo entender que saber a língua é saber mais de si e do outro com quem interagimos. Partindo da premissa de que o ensino de língua portuguesa estabelece relações com as práticas linguísticas de cidadania, discutiremos também sobre o papel do professor como mediador desse processo e a necessidade de pensarmos como os mecanismos linguísticos presentes nas letras dos sambas contribuem nessa construção do aluno-cidadão.

Palavras-chave: língua portuguesa; ensino; samba; cidadania.

1. Palavras Iniciais

Pensar sobre as relações existentes entre a língua portuguesa e a cidadania nos remete à ideia de como utilizarmos os instrumentos linguísticos em favor de um mundo com mais respeito, polidez nos tratamentos diversos, rigores situacionais e informalidades cabíveis. Faz-nos imaginar uma sociedade politizada e consciente dos papéis sociais que cada cidadão pode e deve exercer. São ideais que se apresentam para nós e que nos permitem perceber que a educação linguística pode ser praticada, com vistas à produção do conhecimento e ao enriquecimento cultural de cada cidadão. Por meio da palavra, da língua nacional, apresentamos nossos traços culturais, personalísticos, que nos revelam às diversas comunidades, fazendo com que sejamos reconhecidos por aquilo que falamos ou escrevemos.

As palavras de Azeredo nos fornecem a medida do que representa a língua como conhecimento sociocultural:

A língua é uma forma de conhecimento e um meio de construir, estabelecer, manter e modificar relações com os outros. Por isso mesmo, uma mesma pessoa é capaz de utilizar diferentes “estilos” ou registros de língua, conforme o contexto ou as finalidades da comunicação: quando se dirige a um adulto ou quando fala a uma criança, quando fala a pessoas reunidas em um auditório ou

quando conversa de modo descontraído numa roda de amigos, quando escreve uma carta de candidato a um emprego ou quando comparece para uma entrevista com esse mesmo objetivo, quando relata um acontecimento ou quando dá um conselho a alguém (AZEREDO, 2008, p. 57).

Entendemos assim que o sujeito-cidadão, por meio de sua língua, aprende uma forma de conhecer o mundo e de manifestar, com as coisas e as pessoas, todas as formas de interação. À medida que a língua torna-se conhecida pelo seu usuário, ela passa a ser parte integrante, quiçá essencial, da rotina social das comunidades. Assim, identificamos a língua como tomada de conhecimento sociocultural em cada ato de compreensão e vivência que o sujeito possa revelar sua expressão. As crenças, os ritos, os valores morais e sociais, as práticas da vida cotidiana integram essa imagem na sociedade.

Nessa concepção linguística, destacamos a importância de estudarmos as relações entre os sujeitos, levando em consideração os momentos e as situações de produção dos seus discursos, em detrimento de uma visão simplista que prefere atrelar o ensino da língua às convenções normativas e aos tratados gramaticais. Seguimos as orientações de Geraldi, ao defender que “estudar a língua é, então, detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que se devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação” (2006, p. 42) É a percepção de uma língua que só se sustenta na interação, na interlocução.

Neste artigo, pretendo abordar a importância de vislumbrarmos um ensino de língua, por conseguinte, uma educação linguística, relacionada às práticas cidadãs de leitura e análise das letras de sambas de Nei Lopes e Arlindo Cruz. Pretendo apontar alguns aspectos linguístico-expressivos das canções e apresentar uma perspectiva de ensino produtivo da língua portuguesa. Nessa direção, apresentarei o texto em quatro partes delimitadas, com vistas a uma abordagem sequenciada, para que o leitor possa efetuar a união dos elos constitutivos das partes e, em seguida, a compreensão de todos os pontos abordados.

As letras de samba merecem seu respeito e lugar na sala de aula de língua portuguesa. Por meio delas, podemos apresentar uma língua viva, cheia de recursos poéticos, argumentativos, sonoros, que encantam seus leitores/ouvintes, provocando e possibilitando uma perspectiva diferente se ensinar “cantando”. A escolha por Nei Lopes e Arlindo Cruz se dá por percebermos a preciosa contribuição de suas letras, ratificando toda a justificativa anteriormente apresentada. Além disso, os dois compositores representam, cada um no seu estilo, a forma genuína de se escrever com clareza e criatividade. Nei Lopes, a partir da década de 70, e Arlindo Cruz, a partir da década de 80, delineam em suas carreiras artísticas um percurso linguístico traçado nas linhas de um samba que não só se canta, mas que nele se percebe a potencialidade expressiva do nosso idioma nacional. Uma prova dessa análise sobre o samba pode ser confirmada através das palavras de Roberto M. Moura, quando nos conta sobre a formação das “rodas de sambas” e um episódio com Pedro Amorim, “músico de várias cordas e muitos arranjos e produções”. Transcrevo as palavras do autor:

Antes de começar a tocar, emocionado com a reunião, definiu o samba como algo agregador, que “samba une as pessoas – e quando as pessoas se unem por causa do samba, elas estão se juntando por causa de muitas outras coisas também, trocando impressões, sentimentos e criatividade.” (MOURA, 2004, p. 210).

Várias são as observações que podemos fazer pelo excerto de Moura e a primeira se refere ao fato do artista se apresentar “emocionado”. Isso prova que o samba, além de várias marcas, leva a emoção ao seu participante, espectador, leitor/ouvinte. Outra questão a ser apontada é o fato de o samba “agregar” pessoas e, nessa reunião, haver “impressões”. “sentimentos” e “criatividade”. Se pensarmos em todos esses elementos aplicados ao samba na sala de aula de língua portuguesa, poderemos ter um resultado produtivo para uma educação linguística com aspectos sociais e culturais daquilo que chamamos: cidadania.

Ressaltemos, aqui, que esse é o ponto de baliza para as abordagens teórico-funcionais deste trabalho, na tentativa de apresentar uma língua com expressão, adequação e eficácia.

2. A Educação Linguística e a Cidadania

Ensinar a língua portuguesa hoje, na escola, não é uma tarefa muito fácil. Vários são os problemas que enfrentamos, para que esse ensino se apresente de forma dinâmica, produtiva e prazerosa. E quando nos perguntamos quais são as razões para esse fato, ficamos sempre com várias respostas e, ao mesmo tempo, com várias dúvidas. Levantamos a hipótese de não termos uma “causa”, propriamente dita, para essa questão e o que percebemos é uma grande “roda-viva” de frustrações do professor e insatisfação dos alunos. Nossa pergunta, então, se concentra na seguinte ideia: como podemos ensinar a língua portuguesa, com a perspectiva do prazer e da produção do conhecimento, nas nossas aulas? Eis algumas reflexões:

A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Dessa forma, se produz linguagem tanto numa conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de comprar, ou ao redigir uma carta – diferentes práticas sociais das quais se podem participar. Por outro lado, a conversa de bar na época atual diferencia-se da que ocorria há um século, por exemplo, tanto em relação ao assunto quanto à forma de dizer, propriamente – características específicas do momento histórico. Além disso, uma conversa de bar entre economistas pode diferenciar-se daquela que ocorre entre professores ou operários de uma construção, tanto em função do registro e do conhecimento linguístico quanto em relação ao assunto em pauta. (PCN, 2001, p. 24)

A partir do que os PCN nos propõem, percebemos que a língua possibilita ao homem enxergar o mundo e a realidade que o cerca, do ponto de vista histórico e social. A ele, aprendiz da língua portuguesa, são dados os meios pelos quais conseguirá valorizar e significar os elementos culturais de sua comunidade. A produção de linguagem está presente nas práticas sociais desse sujeito, revelando-o como cidadão linguístico, ou seja, aquele que é capaz de usar a linguagem para entender e interpretar a realidade, e contribuir para a transformação social do mundo. Torna-se possível compreender que o ensino da língua portuguesa está presente nas maneiras formais e informais de comunicação e interação entre as pessoas. Cada situação comunicativa é, de certa forma, produtiva para se descobrir os recursos expressivos das palavras e dos enunciados.

Outra reflexão proposta por Paulo Coimbra Guedes nos orienta para um caminho de liberdade do ensino de língua portuguesa, na perspectiva da democratização das práticas

escolares. O autor conclama os leitores, especificamente os professores de língua portuguesa, a uma postura política e cidadã. Vejamos:

Libertemo-nos, libertemos nossos alunos e nossas alunas da pesada herança colonialista que tem feito do ensino de língua portuguesa um dos mais eficazes instrumentos de exclusão do povo brasileiro, não só da escola, mas também da vida cultural e política do país. Substituamos o silenciamento a que costumam ser submetidos os alunos, que não falam a língua em que estão escritos os livros e que não dominam a língua em que *deveriam* escrever, pela escuta atenta do que eles têm a dizer a respeito deles mesmos e a respeito da realidade social e cultural em que vivem. Substituamos a estigmatização de sua fala pelo incentivo à leitura e ao exercício da escrita para que eles estabeleçam com a língua dos livros uma relação de domínio e não de temor ou de adesão aos valores nela expressos. Transformemos cada aula de língua portuguesa não só numa atividade de exercício de cidadania, mas principalmente em experiências de vida democrática, de participação social, de tomada da palavra, de construção de um conhecimento civilizador a respeito da experiência compartilhada pela comunidade. (GUEDES, 1997, p. 86)

Por meio das palavras do autor, verificamos o estágio atual das aulas de língua portuguesa que marca e macula a proposta de tornar possível o aprendizado eficaz do idioma nacional. Aos alunos, não é permitida a possibilidade de expressarem suas contribuições linguísticas, tornando-os mais participativos no processo de construção e interação social. Há um impedimento que se instaura nessa relação pedagógica e que acarreta alguns prejuízos didáticos. Na prática do professor, identificamos uma necessidade de valorização das regras e normas, em detrimento das manifestações linguístico-expressivas dos alunos, e a resposta desse processo são aulas enfadonhas, planos de aulas irrealizáveis, planejamentos utópicos.

É necessário que o professor repense seu papel de ator pedagógico e autor didático. Isso quer dizer que a sua atuação precisa estar voltada para tornar viável a participação do aluno, com vistas a abordagens metodológicas que envolvam a língua que está sempre posta a nos oferecer muito mais do que descobertas gramaticais, dentre outras, as lexicais e as semânticas. Para isso, também é aconselhável que o professor teste novas estratégias e novos recursos para tornar sua aula prazerosa. Uma das maiores reclamações dos alunos é a “mesmice” das aulas de língua portuguesa, caracterizada pela exaustiva aplicação de exercícios gramaticais, baseados na repetição de modelos normativos, e pela produção de redações. Será que isso leva o aluno a pensar sua língua, seu papel sociolinguístico e sua responsabilidade como produtor de discursos? Quanto a essas questões e à formação da cidadania, é o mesmo autor quem nos aponta:

A construção da cidadania começa, portanto, no respeito e na atenção com que o professor ouve o que o aluno tem a dizer no dialeto em que ele é capaz de dizê-lo. Cabe ao professor a iniciativa de fazer o aluno falar, não para reproduzir o discurso que a escola lhe apresenta como o discurso a ser respeitado na escola, mas para falar dele mesmo e de sua realidade social mais próxima. Invertendo a direção em que se costuma dar esse diálogo, cabe ao professor o esforço para entender o sentido e o valor dos recursos expressivos que compõem o dialeto que o aluno fala, balizar as diferenças que o distinguem do dialeto em que se expressa o professor e do dialeto em que se escreve. O primeiro movimento é o do professor na direção do aluno enquanto um ser

capaz de um discurso que o professor quer escutar e dar a escutar, inclusive ao próprio aluno. (GUEDES, 1997, p. 91)

Consideramos relevante a postura do professor que integra em suas aulas ações que ampliam a capacidade cognitiva dos alunos, outras que aprofundam conhecimentos adquiridos, possibilitando a qualidade sociocultural dos cidadãos. A necessidade de pensarmos no domínio da palavra em seus variados usos e formas traduz as reflexões ideais que desejamos a todos aqueles que trabalham por um ensino produtivo de língua materna. É fato que, diante das nossas necessidades comunicativas, a modalidade oral consiga se revelar como mais espontânea, e, ao longo da história, a modalidade escrita tenha alcançado destaque e muitos aprimoramentos, mas o que destacamos é a qualidade da escrita em se revelar como um instrumento de preservação e materialização da fala, dos enunciados. Uma espécie de perpetuação do discurso e consagração daquilo que, historicamente, temos como conhecimento. Quanto mais criarmos oportunidades para os alunos se expressarem verbalmente, seja pela oralidade ou pela escrita, mais chances teremos de apresentarmos um ensino da língua “viva”, aquela que se manifesta com toda a sua potencialidade expressiva. Para elucidarmos o conceito de ensino produtivo de língua materna, temos:

O ensino produtivo da língua interessa-se por ajudá-lo (o aluno) a estender o uso de sua língua materna de maneira mais eficiente. Ao contrário do ensino prescritivo, o produtivo não pretende alterar padrões que o aluno já adquiriu, mas aumentar os recursos que possui, e fazer isso de modo tal que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidade delas. (HALLIDAY, McINTOSH, STREVENS, 1974, p. 276)

Sendo assim, essa proposta consiste em promover a ampliação de conhecimentos linguísticos, de modo a explorar os recursos linguístico-expressivos presentes nos textos, nas frases, nos enunciados. À medida que as situações comunicativas forem apresentadas, o sujeito-cidadão da língua poderá se posicionar frente a ela, examinando o uso e a significação dos elementos presentes na produção discursiva.

3. Aspectos Expressivos nas Letras de Samba

As palavras de Dorival Caymmi são implacáveis ao afirmarem: “*Quem não gosta de samba/ Bom sujeito não é/ É ruim da cabeça/ Ou doente do pé*”. Ousamos dizer que a expressão “*é ruim da cabeça*” contempla também nossa visão sobre aquele sujeito que não percebe as riquezas linguísticas presentes nas letras de samba. Avançamos nossa análise, ao sugerir-las para a construção e produção do conhecimento linguístico a respeito do nosso idioma, das nossas expressões mais genuínas e aquelas que contribuem para as manifestações socioculturais do país. É, pois, o samba, o gênero que atravessa o país no tempo e no espaço, a própria identidade nacional brasileira.

Ao falar das “rodas de sambas”, Roberto Moura destaca a originalidade presente nelas e destaca a estrutura padrão que cada uma revela, com suas regras e modelos sempre muito explícitos para seus participantes. Outras características são apontadas pelo autor:

Como em qualquer ritual, a roda preserva e atualiza o que está em sua origem. Nela, o que é tradição dialoga com o presente no curso da história. Tudo ocorre a partir das condições materiais possíveis, mas é imprescindível que os

fundamentos sejam respeitados. Quer dizer, os participantes não esperam condições ideais para agir, mas jamais agem contrariando os cânones consagrados pela comunidade – até porque o mundo do ritual é “totalmente relativo ao que ocorre no cotidiano”, conforme o antropólogo Roberto DaMatta, em *Carnavais, malandros e heróis*, cuja primeira edição é de 1979. (MOURA, 2004, p. 23)

Analogamente ao samba, quando pensamos no ensino da língua portuguesa, também levamos em consideração aquilo que devemos preservar e atualizar na origem desse ensino. Ou seja, a proposta de trabalharmos com as letras de sambas nas aulas de língua portuguesa não descarta aquilo que a tradição postula; pelo contrário, partimos da descrição linguística para, então, apresentarmos uma expressividade contida nas palavras e enunciados presentes nas canções dos sambistas. Assim como no samba, torna-se imprescindível que os fundamentos, no caso, linguísticos, sejam respeitados nas aulas de língua portuguesa. E, além disso, que os professores, assim como os sambistas, não esperem as condições ideais para agir. É necessário “fazer a hora” e partir com vontade didática para as práticas efetivas de produções de linguagem.

É preciso entendermos a *expressividade*, segundo AZEREDO (2002), como a característica responsável em fazer com que o leitor/ouvinte atente nos enunciados mais a materialidade linguística (expressão) do que a sua significação (conteúdo). Por *estilo*, consideramos também as palavras de Azeredo, ao considerá-lo como “conjunto dos recursos idiomáticos que estruturam expressivamente a mensagem em função de seu maior rendimento semântico” (2008, p. 479). Além disso, o autor afirma que “esta é uma conceituação formal que implica três outras noções: o ato individual de expressão, a busca de um efeito de sentido e a opção por um recurso entre outros plausíveis” (2008, p. 479).

Nesse percurso teórico, apresentaremos análises de canções de Nei Lopes e Arlindo Cruz, a fim de proporcionar ao professor de língua portuguesa algumas alternativas de análise linguística nas letras dos sambas. A primeira canção intitulada “*Pombajira Halloween*” é de Nei Lopes, em parceria com Ruy Quaresma, e se apresenta como uma proposta crítica à invasão estrangeira nos costumes e vocabulários nacionais:

Pombajira Halloween

Eu bem que sabia
Que um belo dia
Isso ia acabar mal
Esse olhar de descaso
Chamando de atraso
A cultura nacional
Humilharam, pisaram,
Pintaram e bordaram
E olha só qual foi o fim:
Pombajira baixou no Halloween

Tinha até website
De gótico e dark
Pra chamar coisas ruins
Até analfabeto

Era heavy metal
De jaquete James Jeans
Tinha até Sepultura
Lá na cobertura
E olha só qual foi o fim:
Pombajira baixou no Halloween

Marafó long neck
Curimba em playback
Ela veio mesmo assim
Mas quando deram um break
Ela viu que era fake
Tudo fashion, tudo teen
Foi então que a cigana
Rodou a baiana
Riscou fogo no estopim
Pombajira baixou no Halloween

A evidência à crítica se dá, inicialmente, nos versos “*Chamando de atraso/A cultura nacional*”, ou seja, tudo o que se refere à brasilidade, aos termos originalmente nacionais, foram descartados, numa constatação da supervalorização daquilo que é estrangeiro. Nesta canção, a crítica exposta por Nei Lopes se dá pela mistura de elementos de culturas distintas, no caso, “*Pombajira*” e “*Halloween*”, o que evidencia a grande confusão instaurada no universo linguístico daquilo que deve e pode ser considerado como parte do nosso idioma. Fica a discussão e a reflexão sobre as palavras de outras línguas que, de fato, devem ser apropriadas e utilizadas sem qualquer preconceito linguístico.

Expressões, como “*marafó long neck*” e “*curimba em playback*”, reforçam a ideia dessa balbúrdia que se instaurou, em alguns casos, a comunicação em Língua Portuguesa. Temos, no exemplo acima, uma palavra de origem africana associada a outras de origem inglesa, a serviço da língua pátria. É preciso que o professor possibilite ao aluno perceber qual a verdadeira razão de utilizar expressões que não fazem parte do idioma e exercitar a crítica, quanto à inserção oficial desses termos nos dicionários de língua portuguesa. Torna-se necessário que a discussão se faça presente, nas aulas de Língua Portuguesa, em torno dos critérios para se decidir se um vocábulo é de origem estrangeira e até que ponto algumas expressões deixam de ser (se é que deixam de ser) estrangeiras. Nei Lopes expressa, por meio de seus versos, que, em se tratando de línguas distintas, quem pode afirmar o que é “estrangeiro”, de fato, uma vez que as línguas são verdadeiros tecidos aderentes, potencialmente assimiladora de múltiplas vozes? Demarca-se também o caráter pluricultural da nossa língua, falada em quatro continentes, com inúmeros usuários, e a possibilidade de se trabalhar com o aluno a filologia ou a etimologia das palavras. Observar, enfim, as origens dos vocábulos e das expressões que, para muitos, se passam por portuguesas, mas que em verdade são pertencentes a outras fontes linguísticas.

A prática pedagógica do professor concentra-se, dessa forma, em suscitar possibilidades de uso das expressões estrangeiras em diálogo com os textos escritos na nossa língua. A partir da utilização da música “*Pombajira Halloween*”, várias discussões acerca da linguagem empregada nos diferentes contextos sociais poderão ser provocadas e o aluno, por conseguinte, tornar-se-á mais consciente de suas ações e escolhas linguísticas. Tal trabalho pode ser feito em parceria

com outras músicas, como, por exemplo, “*Pela Internet*”, de Gilberto Gil, e “*Samba do Approach*”, de Zeca Baleiro, que tratam da mesma temática linguística, reforçando o valor dessa discussão para os estudos da língua. Outra parceria importante para a realização dessa ação cidadã com a língua é buscar o envolvimento de professores de outras áreas, como Língua Inglesa e História, ou seja, um trabalho interdisciplinar, na tentativa de oferecer ao aluno recursos expressivos e culturais que fundamentem a presença de palavras estrangeiras nas nossas situações comunicativas. Tem-se, assim, um exercício linguístico de cidadania.

A segunda canção intitulada “*Ainda é tempo pra ser feliz*”, de autoria de Arlindo Cruz, em parceria com Sombra e Sombrinha, é um verdadeiro lamento de um enunciador que se revela e desvela à pessoa amada, reiterando sua paixão e tentando provar que ainda há esperança de dias melhores. É um texto que envolve o leitor/ouvinte, utilizando traços linguísticos eficazes na proposta de persuasão.

Ainda é tempo pra ser feliz

Me cansei de ficar mudo, sem tentar
Sem falar
Mas não posso deixar tudo como está
Como está você?

Tô vivendo por viver
Tô cansado de chorar
Não sei mais o que fazer
Você tem que me ajudar
Tá difícil esquecer
Impossível não lembrar você

Você, ê, ê

Com o fim do nosso amor
Eu também tô por aí
Já não sei pra onde vou
Quantas noites sem dormir
Alivia minha dor
E me faça, por favor, sorrir

Vem pros meus braços, meu amor
Meu acalanto
Leva esse pranto pra bem longe de nós dois
Não deixe nada pra depois
É a saudade que me diz
Que ainda é tempo pra viver feliz

Na canção, os compositores apresentam, com as formas “*me*”, “*tô*” e “*você*” “*pros*”, formas consagradas da informalidade, traços da oralidade. Próprio do samba é apresentar uma linguagem que o leitor/ouvinte se “sinta à vontade”, com mais proximidade à linguagem

utilizada. Na tentativa de aproximar o interlocutor, essa é uma estratégia estilística eficaz. A utilização dos paralelismos “*sem tentar/ sem falar*” e “*tô vivendo/ tô cansado*” servem-nos como exemplo da ideia reiterada, da intensidade do sentimento e, conseqüentemente, das atitudes do locutor. A repetição dos vocábulos nos sugere uma ação marcada, repetida, assim como a batida do samba que seduz pelo seu efeito e respeita o compasso preciso da nota musical.

A utilização do possessivo em “*meus braços/ meu amor/ meu acalanto*” expressa a visão da apropriação do sentimento e da pessoa amada. Os letristas provocam, por meio dos versos, uma interação entre o locutor (“*meus braços*”) e o interlocutor (“*meu amor/ meu acalanto*”), permitindo-nos entender como corpo e alma se integram e se completam nas relações amorosas.

Outra astúcia da construção textual está presente no momento em que os artistas elegem a “*saudade*” para “dizer”, para ser a “porta-voz” da mensagem maior do samba, em questão, que “*Ainda é tempo pra ser feliz*”. Nesse momento, a personificação torna-se responsável por transmitir essa ideia de que só algo presente na alma de quem ama pode dizer aquilo que podemos e queremos ouvir.

Atividades comparativas com textos literários, em rodas de leitura, e análises lexicais podem servir como alternativas de aplicação da letra do samba na aula de língua portuguesa. Torna-se valioso poder analisar como Nei Lopes e Arlindo Cruz constroem seus versos, utilizando uma linguagem clara, objetiva, própria da gente brasileira e que revela, ao mesmo tempo, elementos linguísticos relevantes para a construção dos discursos e posturas críticas diante da língua que se modifica, se altera, se renova, nos mais variados contextos sociais. Ao professor é dada a possibilidade de utilizar esses instrumentos linguísticos apontados nas canções analisadas, encontrar outros recursos linguísticos nessas mesmas letras e enveredar por outras composições, podendo realizar uma educação linguística de qualidade, com uma postura pedagógica consciente da prática cidadã com a língua.

4. Referências Bibliográficas

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O Texto na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 2006.

GUEDES, Paulo Coimbra. *A Língua Portuguesa e a Cidadania*. Rio grande do Sul: Organon 25 – Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Vol. 11, N. 25, 1997.

HALLIDAY M. A. K., Mc INTOSH, Angus, STREVEENS, Peter. *As Ciências Linguísticas e o Ensino de Línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974.

MOURA, Roberto M. *No Princípio era a Roda: um Estudo sobre Samba, Partido-Alto e Outros pagodes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. 3ª ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

OUTRAS FONTES

CD. Arlindo Cruz. Arlindo Cruz – MTV ao vivo, 2009.

CD. Nei Lopes. Chutando o balde, 2009.